

O CAIÇARA NA REGIÃO DE ITANHAEM

J. R. DE ARAUJO FILHO

O caiçara, mestiço que habita a região litorânea do Estado de São Paulo, constitui um daqueles personagens-tipos, de que nos fala Pierre Deffontaines em sua "Geografia Humana do Brasil". Seu domínio geográfico é bem definido, seu gênero de vida dos mais característicos.

O presente estudo foi oferecido à IVª Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros, reunida em dezembro de 1948 na cidade de Goiânia, e mereceu a aprovação dos especialistas ali congregados, que aconselharam sua inclusão nos "Anais" daquele certame. Quem o assina, professor de Geografia Humana na Faculdade de Filosofia de São Bento, 1.º assistente da cadeira de Geografia do Brasil na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e sócio cooperador da A. G. B., conhece de longa data o litoral paulista e, particularmente, a região de Itanhaem, onde vem realizando pesquisas geográficas destinadas à sua tese de doutoramento.

O litoral paulista, no passado e no presente. — O litoral do Estado de São Paulo, que possuía em princípios do século passado mais de um sexto da população da então província, e que era, por isso mesmo, uma das suas zonas mais prósperas, conheceu, a partir da era cafeeira, um período de decadência que vem até os nossos dias. Uma série de razões explicam aquela decadência e as estatísticas nos mostram que ela ainda existe em vários trechos da região. Basta tomarmos os números do recenseamento de 1940 para verificarmos que a população litorânea continua a decrescer em relação à do planalto. De fato, por aquele recenseamento, a população litorânea paulista somava 268.687 habitantes, que representavam somente 3,6% do total do Estado. Se lembrarmos que desses 268.687 habitantes, 169.871 pertencem aos núcleos urbanos de Santos e São Vicente, cujo desenvolvimento é devido às suas relações com o planalto, aquela porcentagem, já por si mínima, diminui ainda mais para 1,4%, o que bem demonstra a pouca importância demográfica e econômica que a zona litorânea representa para São Paulo.

Numa superfície de 10.221 km², vivem menos de cem mil habitantes (99.016), dando uma densidade que não chega a 1/3 da média geral do Estado, concentrada principalmente no litoral Norte.

As razões da pouca importância econômica da região litorânea, na atualidade, já foram explicadas pelos que, visitando vários de seus trechos, tiveram ocasião de escrever sobre os problemas que ainda lá persistem (1).

O litoral paulista, entretanto, não é uniforme em toda sua extensão. Podem-se notar diferenças entre o trecho norte e o trecho sul e, dentro de cada um deles, certos aspectos particulares vêm dividi-los ainda, como no sul, as zonas de Iguape-Cananéia e a de Itanhaem.

É que, ao lado dos fatores naturais, que tão bem explicam as divisões e subdivisões feitas na região litorânea paulista, os fatores históricos representam importante papel e demonstram porque uma zona como a de Itanhaem jamais teve uma época, por menor que fosse, de pujança econômico-demográfica. Já porque ficasse sempre isolada, por falta de comunicações fáceis, quer com o planalto, quer com S. Vicente e Santos; já porque em seus arredores não se desenvolvesse uma riqueza importante no passado, o fato é que, mesmo quando foi sede de Capitania (1624-1763?), jamais Itanhaem pôde colocar-se em posição de semelhança com qualquer uma das irmãs do litoral. Por isso, sua população sempre diminuta e atrasada foi-se colocando numa situação de inferioridade, que pode ser observada por quem visitar a suas praias.

Mesmo nos últimos 20 anos, período em que se implantou a única riqueza importante da zona — a banana — e, quando já de há muito estava funcionando uma estrada de ferro na região, continuaram os habitantes naturais sua vida primitiva e rude, sem vontade de progredir. Os fatores tradicionais, aliados a uns tantos fatores naturais, parecem explicar tais aspectos.

Os arredores de Itanhaem. — Quem sai da ilha de São Vicente pela ponte-pensil, ganhando o Boqueirão da Praia Grande, tem diante de si uma paisagem bem diversa da que está acostumado a observar nos arredores de Santos e de todo o litoral norte do Estado. Um horizonte amplo se abre à vista do viajante, mercê do afastamento da Serra do Mar, que dali por diante, até às fronteiras do Estado do Paraná, inclina-se para sudoeste, com o nome de Serra de Paranapiacaba. Salvo alguns esporões, como o de Mongaguá, ou alguns maciços isolados, como os do Itatins e da Juréa, não se divisam mais, a partir da ponta do Itaipu para o sul, aqueles

(1) CARVALHO (M. Conceição Vicente de), *Santos e a Geografia Humana do Litoral Paulista* — Tese de doutoramento ainda inédita — Biblioteca Central da Faculdade de Filosofia da Univ. S. Paulo; DEFFONTAINES (Pierre), *Regiões e paisagens do Estado de S. Paulo* — Revista "Geografia", Ano I, n.º 2; FRANÇA (Ary), *Notas sobre a Geografia da Ilha de S. Sebastião* — Boletim da A.G.B., n.º 5.

aspectos tão característicos da Serra do Mar no litoral norte, que muito bem explicam as saliências e reentrâncias daquele trecho da nossa costa.

Baixadas litorâneas cada vez maiores, praias amplas e retílineas, que se estendem às vèzes num só corpo pôr mais de 50 km, constituem ali exemplo de maior independência da costa com relação ao relêvo visinho, como prova a inexistência de recortes e saliências na orla litorânea.

Os morros ligados diretamente à Serra do Mar, em forma de esporões, ou isolados na planície à guisa de antigas ilhas, são poucos e já afastados da orla marítima, como os do Mélico, Carapatéra, Grande, Novo, etc. Numa distância de quase 100 km, entre a ponta do Itaipu e a ponta de Itaguaçu, existem apenas três pequenas saliências, que não atingem 80 metros de altitude (Tequanduva, Cunha Moreira e Paranabuca) e são tocadas diretamente pelo mar, formando os tão conhecidos costões de Itanhaem no meio dos quais ficam as duas praínhas de banho da estância. No mais, é o domínio da praia e da baixada alagadiça, que se abre para o interior, numa monótona topografia, quebrada apenas pelos perfis das cristas da Serra do Mar no horizonte.

Cursos d'água que já merecem o nome de rios chegam até o mar, depois de formarem amplas bacias que, às vèzes, confundem-se umas com as outras, mercê da horizontalidade do terreno; alguns existem que possuem suas nascentes próximas do mar, mas que, para nêle chegar, têm de construir uma complicada réde de meandros e canais, por onde as águas escoam com dificuldade. Exemplos podem ser dados com os casos dos rios Bichoró e Mineiro, formadores do Aguapeú, e cujos altos cursos se confundem num alagado de mais de 100 alqueires; também o Rio Prêto, com um dos seus principais afluentes, o rio do Crasto, formam a maior lagoa da região (Boacica). Todos êstes rios nascem a 2 ou 3 quilômetros do mar. Daí as enchentes periódicas e os alagadiços permanentes que se notam na região, desde as proximidades da praia até à raiz da serra. Além da pouca inclinação do terreno, as restingas e as dunas são outros responsáveis por aqueles cursos d'água de direções tão complicadas e de escoamento tão difícil; fechando as barras de uns, dificultando a direção de outros, a sedimentação marinho-eólica separa a baixada completamente do contacto com o mar. Sòmente uns rios maiores, como o Itanhaem e o Peruíbe, quebram aquêle isolamento, mercê da intromissão pelas suas barras a dentro da água salgada que vai provocar a formação de mangues entre o jundu e a floresta.

O Caiçara. — Ao lado das paisagens naturais que o litoral paulista oferece à argúcia dos estudiosos, um tipo humano bem característico, completamente influenciado pelo meio e sem recursos para dêle fugir, aparece, como que reproduzindo à beira-mar o tipo já tão conhecido do "jeca" do planalto. De fato, o *caiçara* nada mais é do que uma variedade de cabôclo, com algumas diferenças apenas do caipira de serra acima; diferenças essas que, mercê do meio em que vive, obrigam-no a uma vida, à primeira vista mais folgada, mas que, na realidade, é mais dura que a do seu irmão-planaltino.

Se o *caiçara* dispõe a seu favor de uma natureza relativamente pródiga, com o mar e a floresta a lhe oferecerem alimentos, contudo, para aproveitá-los, tem de desenvolver um trabalho que, devido à técnica primitiva, não lhe traz quase resultado. Caça e pesca, principais atividades do praiano, não lhe dão muitos dias de fartura por ano. Prova-o a subnutrição em que vivem os habitantes de nossas praias, que devem ser classificados como pertencendo àquêles grupos de populações nacionais das "zonas de fome endêmica" (2).

Além disso, sem tradição agrícola, o homem litorâneo pouco ou quase nada trabalha a terra, limitando o seu aproveitamento nas minúsculas roças de mandioca, encarapitadas nos morros cristalinos ou, quando êstes faltam, nas restingas arenosas. Mesmo que tivesse aquela tradição, não poderia ir muito além, pois a completa ignorância em que vive, aliada a um meio hostil e difícil de ser dominado, impediriam de o fazer.

Resta, ainda, para explicar as razões do atraso do praiano o completo abandono em que é deixado pelos seus irmãos mais felizes do planalto, abandono êste que pode ser observado em vários sectores: na falta de vias de comunicações, de escolas e de amparo higiênico.

Isso tudo justifica a vida simples e sem ambições que leva o *caiçara*, ignorante de tudo o que se passa em seu redor, quer no que diz respeito à Pátria a que pertence, quer mesmo ao próprio município do qual sua praia faz parte.

Aliás, a vida simples e desambiciosa do praiano paulista já nos foi contada por Conceição Vicente de Carvalho, num trabalho publicado nos Anais do IX.º Congresso Brasileiro de Geografia (3). As páginas escritas pela ilustre professora de Geografia, para focalizar principalmente o praiano do litoral norte paulista, podem, em muitos

(2) CASTRO (Josué de), *Geografia da Fome* (A fome no Brasil), ed. Cruzeiro, Rio, 1947.

(3) CARVALHO (M. Conceição Vicente de), *O pescador no litoral do Estado de S. Paulo*, Vol. III dos Anais do IX.º Cong. Brasileiro de Geografia; *O pescador no litoral Leste do Est. de S. Paulo*, Boletim Geográfico, n.º 36 — pag. 1.544.



Foto n. 1 — *Uma família caiçara e sua tosca habitação.* — Tipo de casa dos mais pobres da zona, com apenas dois cômodos, sem janelas e onde a porta é substituída por uma prancha solta, que se prende por meio de embiras.



Foto n. 2 — *Tipo de habitação mais trabalhado.* — A casa tem tres cômodos, sendo dois assoalhados. A armação é de massaranduba e as paredes de troncos de palmeira jissara, colocados verticalmente.

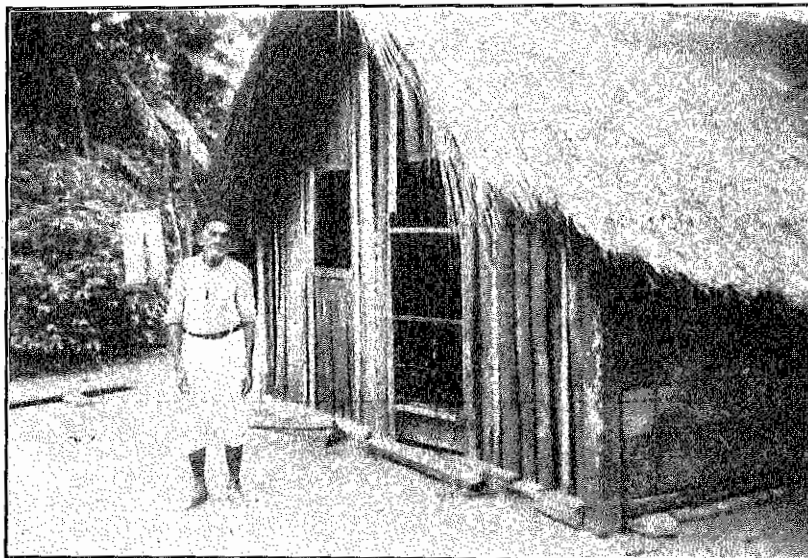


Foto n. 3 — *Detalhe de uma casa de caiçara* — As vezes, as casas são construídas com tábuas que o mar atira às praias. É o caso desta que se vê na fotografia em que as paredes laterais são feitas de pranchas superpostas e amarradas. Notar os caféiros e bananeiras, que sempre rodeiam as habitações.

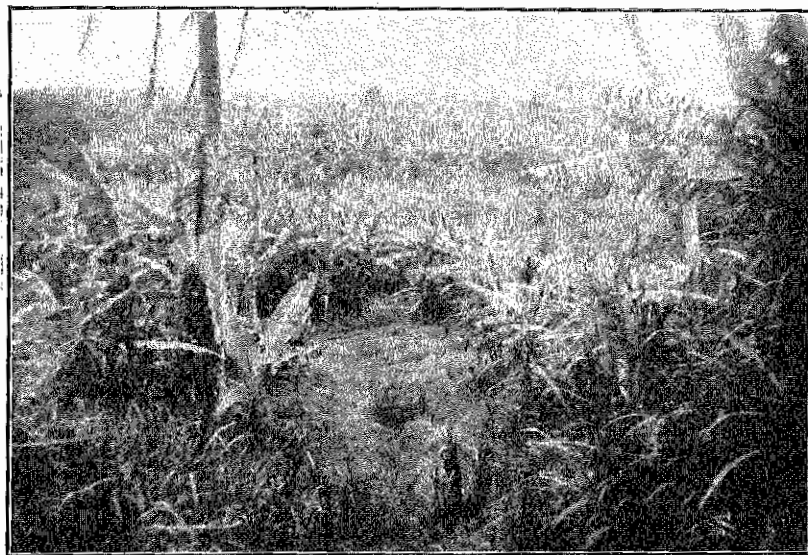


Foto n. 4 — *Uma roça na praia de Peruíbe* — Note-se a confusão dos produtos "cultivados": mandioca, cana, bananeira, entremeadas de mato.

aspectos, servir para o do litoral sul, desde que sejam levados em conta os fatores de uma hostilidade maior do meio. A melhor prova disso nos é dada pela menor densidade de população, pela maior dispersão das habitações e pelos aspectos de muito maior pobreza encontrados nas praias sulinas. Eis uma das razões que justificam o presente trabalho.

Praias mais extensas e retilíneas, com o mar aberto batendo sem cessar, dificultando assim a navegação de canoas ou a colocação de rédes de arrastão; menor quantidade de cardumes devido à conformação da própria costa; ausência de morros cristalinos que, no norte, freqüentemente tocam o mar e tão úteis se tornam aos habitantes; tudo, enfim, concorre para que o praiano do sul tenha diante de si um ambiente pouco favorável ao seu progresso.

Quem visitar as duas praias maiores e mais próximas de Santos, a Praia Grande e a de Peruíbe, notará logo aquêles aspectos citados. Na primeira delas, além do meio hostil, o praiano teve pela frente o homem civilizado que, sob os títulos de turista e veranista, tem contribuído para dificultar ainda mais a sua vida. Se analisarmos as conseqüências decorrentes da construção da ponte-pensil que, há cerca de um quarto de século, vem ligando a ilha de S. Vicente ao continente, veremos que a mais importante delas foi justamente a do desajustamento da vida do caiçara, já por si pouco numeroso naquêlo trecho do nosso litoral. De fato, pondo a Praia Grande a poucos minutos de automóvel dos centros urbanos santista e vicentino, as suas dunas e restingas, cobertas com o mais pobre jundu paulista, passaram a ser loteadas e vendidas em grandes extensões, de maneira que hoje em dia são poucos os trechos ainda não tomados pelo veranista; as "vilas" com nomes pomposos, mas que muitas vêzes não passam de simples placas e réclames, sucedem-se ininterruptamente desde o Boqueirão até Itanhaem. Ora, o praiano, a exemplo do caipira de serra acima, à medida que o cidadão vai chegando, vai se retirando para as zonas mais isoladas. O seu número, que já não era grande há 30 anos passados, diminui assim, com a chegada dos forasteiros. Este fenômeno, notado na Praia Grande, começa a se evidenciar no trecho norte da praia de Peruíbe, nas proximidades de Conceição de Itanhaem, há pouco erigida em estância balneária.

Outro fator de civilização, a estrada de ferro, também concorreu para diferenciar ainda mais o caiçara do sul, sem contudo melhorar sua vida. Há perto 35 anos construiu-se a ferrovia Santos-Juquiá, que até Peruíbe segue paralelamente e próximo à praia. Já porque necessitasse dos serviços do caiçara, já porque criasse a indústria devastadora da lenha, o fato é que aquela ferrovia con-

seguiu modificar a sua vida, sem trazer-lhe qualquer conforto; até a mudança da frente das casas praianas foi conseguida, pois, primitivamente, elas se viravam totalmente para o lado do mar e hoje voltam-se para o interior, à beira da linha férrea, onde, nas paradas determinadas, criaram-se aglomerações de meia dúzia de casas com as infalíveis vendas para fornecer cachaça.

Tudo fazia crer que os praianos viessem a conhecer uma vida melhor com o aparecimento da estrada de ferro; entretanto, continuaram na mesma pobreza, com uns dias de trabalho por mês nos lenheiros que se abriram, mas recebendo pagamentos miseráveis pelos serviços prestados.

Gêneros de vida. — O praiano da zona itanhaense, ao contrário do seu irmão do litoral norte, não se agrupa em povoados ou pequenas vilas. Distribui-se pelas praias, numa dispersão que chegaria a causar espanto, se o meio não explicasse. Aqui, aquêlê fator que tão bem caracteriza a formação das pequenas aglomerações existentes no interior de quase tôdas as praias ao norte de Santos, isto é, a *rêde*, não pode ser levado em consideração, pois é praticamente inexistente. A canoa que, ao lado da rêde, forma outro importante fator na vida do praiano, é também aqui raridade; a não ser na foz dos dois rios que extremam as duas maiores praias — o Itanhaem e o Peruibe — onde, então, as embarcações se juntam, não se encontra senão excepcionalmente um tipo qualquer de barco. Explica-se essa inexistência, tanto da rêde, como da canoa, pela retilineidade das praias, que se tornam assim difíceis de serem abordadas, e pela ausência de cursos d'águas numerosos que permitam a entrada de cardumes.

Só a ausência da canoa e da rêde bastaria para nos dar uma idéia de como é diferente, sob vários aspectos, a vida do praiano itanhaense em relação ao praiano de Ubatuba, de S. Sebastião ou da Bertiooga. Mas, se analisarmos melhor os aspectos locais da vida dêsse caiçara, veremos que uma série de outros fatos se nos apresentam como explicativa do que afirmamos de início: o caiçara dessa zona leva uma vida miserável.

Dispersos pelo jundu, em cujas restingas constróem as suas cabanas, as mais rudimentares que já tivemos ocasião de ver em todo o nosso litoral, procuram levar uma existência completamente isolada, sem mesmo conhecer os mais primários princípios de solidariedade que se observam em outras zonas, onde o mutirão para barrear as casas ou a pesca por quinhão constituem exemplos.

Cabanas feitas de achas de palmeira jissara, verticalmente colocadas e apoiadas em esteios e baldrames de massaranduba, elas



Foto n. 5 — *Caícaras da praia de Peruíbe* — Tipos característicos de praianas.



Foto n. 6 — *Um casal de caícaras no seu mistér diário* — Na praia de Peruíbe, vemos um casal desenterrando sernambi, pequeno molusco que auxilia seu fraco regime alimentar.



Fotos ns. 7 e 8 — *Desenterrando sernambi* — Em ambas as fotografias, vemos os apetrechos usados na coleta de sernambi: uma pequena faca para escavar a areia onde se abriga o sernambi e um samburá, onde se o vai depositando.

não são barreadas, pois a argila necessária fica a quilômetros de distância; pelas frinchas e buracos daquele arremêdo de paredes, entram o vento e a chuva, que vão concorrer com a malária e o amarelão para piorar a saúde dos habitantes. São cobertas de sapé, como as demais do litoral, mas sem aquêle cuidado de colocação e aparó. No interior, bastante exíguo, três divisões apenas: uma saleta, um quarto quase sempre sem janela, e um pequeno puxado à guisa de cozinha, tudo isso assentado num chão de terra batida ou, melhor dizendo, de areia (Fotos ns. 1, 2 e 3).

Nenhum mobiliário, além de um ou dois toscos bancos e das típicas esteiras de pirí ou de tabôa, que servem ao mesmo tempo de cama e de colchão; nenhum utensílio doméstico, salvo uma ou duas panelas de ferro ou, então, latas dependuradas no tripé que substitui o fogão; aquêles utensílios comuns nas praias do norte, como a gamela e as facas apropriadas para o preparo e a salga do peixe são aqui raros; nada que signifique contacto com o mar, além do samburá para catar sernambí na ressaca. Ao redor da casa, as exíguas roças de mandioca, medrando em plena areia, e uns pés de cana para fazer o café de "guarapa", tudo rodeado pelos infalíveis pés de bananeira branca, às vêzes já cobertos pelo jundu. (Foto n. 4).

Trabalhando nos lenheiros, a 8 ou 9 cruzeiros o metro (um praiano não extrai mais que 3 ou 4 metros por dia), mas sómente uns 12 ou 14 dias por mês, não pode, como é bem de ver-se, trazer, no fim, muita comida para casa. Segundo averiguamos, um homem que tenha de sustentar mulher e quatro filhos, não consegue trazer para casa, numa quinzena, 100 cruzeiros de alimentos (feijão, café, açúcar). Daí aquêle aspecto de verdadeira subnutrição, que se encontra em todos os semblantes. Mesmo a farinha, que em tôdas as praias paulistas constitui a base alimentar da população, aqui não é abundante, porque os minúsculos mandiocais desenvolvem-se com grande dificuldade nas restingas; e também é inferior na qualidade, pois não é usado o ralo: a mandioca é posta durante uns 4 ou 5 dias de mólho na água e, depois, socada e torrada, dando um tipo de farinha grumosa, cheia de caroços. (Foto n. 5).

Ora, com tal pobreza de alimentos, valem-se as mulheres, os velhos e as crianças, do sernambí, que na maré baixa é desenterrado na ressaca, lavado e, depois, cosido numa lata de querozene ou num caldeirão grande. (Fotos ns. 6, 7 e 8).

Provavelmente devido à pobreza da zona, o praiano ali não é tão andejo como o do norte, e se não tem uma estabilidade de moradia, mercê do sério problema da posse da terra, quando muda, o faz dentro dos limites da praia em que vive. Há exemplos, em Peruíbe, de mulheres e mocinhas que não conhecem Itanhaem.

Além deste tipo de praiano do litoral sul, há ainda, na zona, às margens dos rios que formam a bacia do Itanhaem, um tipo mestiço interessante, meio-caiçara, meio-pirangueiro (4) e que é chamado *tabacudo*. Vivendo à beira dos cursos d'água, mas já rente à floresta, vale-se mais da caça que da pesca. Habita tôscas choças de ramagens, às vêzes construídas sôbre estacas; possui sua piroga, com a qual vai tirar nos alagados e brejais a matéria prima para sua mais importante indústria, a do fabrico de esteiras de tabôa; extrai também o palmito e fabrica remos, gamelas, etc. Tudo isto é vendido aos domingos em Itanhaem, até onde chega em sua minúscula canôa.

Entretanto, êste misto de caiçara e pirangueiro de há uns 20 anos para cá vem diminuindo a olhos vistos, com a penetração cada vez maior dos bananais na região. Como os praianos da Praia Grande, êle não se amoldou à vida civilizada e, fugindo sempre para as nascentes dos rios, vai aos poucos desaparecendo.

Conclusões. — Com um mar na frente, mas sem meios para o enfrentar; com uma floresta já em grande parte destruída devido às derrubadas dos lenhadores e, portanto, bastante reduzida no que poderia oferecer-lhe (caça, palmito etc.); sem capacidade física para trabalhar nos bananais da região (e daí sua tão apregoada má vontade para o trabalho), é natural que o caiçara de Itanhaem ofereça-nos um aspecto de maior pobreza que os seus irmãos de outros trechos litorâneos. Daí o seu número não aumentar; pelo contrário, vai aos poucos diminuindo devido não apenas à mortalidade elevada e à inexistência de qualquer espécie de assistência de fora, como também a um movimento emigratório que já se vai generalizando por todo o litoral paulista. De fato, de uns anos para cá, evidencia-se de forma cada vez maior a saída dos mais jovens, particularmente moças para Santos e São Vicente e até São Paulo, onde se empregam com facilidade. É de crer-se, pois, que êsse tipo tão característico do nosso mestiço tenha o mesmo fim que o caipira de serra acima: o desaparecimento. Apenas com uma agravante: enquanto o jeca desaparece através da mistura étnico-social, o praiano de Itanhaem se finda sem deixar vestígios. E atrás dêle ficam as praias desertas. (Eis outra razão que nos animou a apresentar à IVa. Assembléia da A. G. B. alguns aspectos da vida dêsse caiçara em desaparecimento.

(4) *Pirangueiro*, no linguajar planaltino, é o homem que habita às margens de um rio. O mesmo que *piracuara*.